

De repente, o avesso

Perdas repentinas, mortes violentas
e seus lutos

MARIA CAROLINA RISSONI ANDERY
MARIA HELENA PEREIRA FRANCO
(orgs.)

DE REPENTE, O AVESSO
Perdas repentinas, mortes violentas e seus lutos
Copyright © 2026 by autores
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **César Carvalho**
Preparação: **César Carvalho**
Revisão: **Samara dos Santos Reis**
Capa: **Delfin [Studio DelRey]**
Pintura: **Saudade, de Almeida Júnior**
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**
Diagramação: **Natalia Aranda**

Summus Editorial
Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Apresentação	7
<i>Maria Carolina Rissoni Andery e Maria Helena Pereira Franco</i>	
1. O avesso: os lutos, as mortes e as violências	9
<i>Maria Carolina Rissoni Andery</i>	
2. Luto por violência: diversidade, riscos e intervenções	19
<i>Maria Helena Pereira Franco</i>	
3. E o que me resta é só um gemido: interseccionalidade e a complexidade dos processos de luto.	31
<i>Jose Valdeci Grigoletto Netto</i>	

HOMICÍDIO

4. Lutos não reconhecidos de vidas não reconhecidas: a realidade brasileira das vítimas de violência.	43
<i>Bruno Cervilieri Fedri</i>	
5. O luto materno pela morte violenta do jovem perpetrador	53
<i>Vanessa Rigonatti</i>	
6. O luto por mortes violentas vivido por mulheres em privação de liberdade.	59
<i>Fernanda Serpeloni, Glaucia Mayara Niedermeyer Orth e Luana Priscila Moreira Pereira</i>	
7. O luto por feminicídio	69
<i>Ana Paula Emy Kageyama Mitsuuichi</i>	

8. Rupturas e recomeços: o luto no contexto de ataques de violência extrema nas escolas79
Beatriz Schmidt, Tyele Goulart Peres e Flávia Cardozo de Mattos
9. Luto intergeracional da escravidão: a invisibilidade do luto das mães negras91
Lourdes Alves de Souza

SUICÍDIO

10. Luto por suicídio, posvenção e reconstrução: entre a dor e a possibilidade de crescimento105
Gabriella Costa Pessoa
11. O pranto que resiste: racializando o luto e afirmando vidas negras ...115
Paulo Vitor Palma Navasconi
12. Remendando o silêncio: o impacto do luto por suicídio nas emoções e dinâmicas familiares.....125
Mariana Filippini Cacciaccaro
13. Posvenção: cuidado e compromisso social diante da morte por suicídio135
Lucas Barbosa Namur

ACIDENTES

14. Mortes acidentais: lutos e repercussões145
Maria Carolina Rissoni Andery e Maria Helena Pereira Franco
15. O luto por mortes violentas em emergências e desastres153
Adriana Silveira Cogo
16. A dor do testemunho: o pesar vicário em perdas repentinas e na morte violenta163
Claudia Comaru
17. O direito fundamental ao luto em contextos de violência171
Mario Thadeu Leme de Barros Filho

Apresentação

AS DIFERENTES SITUAÇÕES DE violência, expostas no noticiário e nas conversas cotidianas, atravessam os mais diferentes grupos sociais. Infelizmente, fazem parte do cotidiano das cidades brasileiras. São também objeto de pesquisas, debates multiprofissionais e publicações científicas, e demandam resoluções e políticas públicas que ofereçam melhores condições de vida para a população.

Em toda experiência marcada pela violência há perdas: de entes queridos, de segurança, de objetos, de um lugar. No entanto, os lutos oriundos dessas perdas nem sempre são reconhecidos, seja pela pessoa enlutada, seja pela comunidade e pela sociedade em geral.

Foi com o propósito de reconhecer e discutir tais lutos que organizamos esta obra. Para enriquecer o debate e lançar luz sobre a complexidade do vivido, reunimos autores e autoras que pesquisam o tema a fundo.

Aqui, o leitor encontrará perspectivas amplas acerca dos lutos gerados por mortes decorrentes de homicídios, suicídios e acidentes em diferentes contextos e populações. Também são abordados os índices de violência e as possibilidades de intervenção psicossocial com as pessoas direta ou indiretamente afetadas. Além disso, discutimos temas como interseccionalidade, pesar vicário e direito ao luto.

Trata-se de uma publicação que enfoca um fenômeno corrente — portanto, sujeito a mudanças constantes de cenário. Apesar

disso, os autores e as autoras nos apresentam uma análise fundamentada não apenas em dados epidemiológicos e demográficos atuais, mas também em sua experiência e na literatura recente.

Assim, nosso objetivo é aprofundar o tema e mantê-lo no foco de atenção daqueles que vivem num mundo em constante transformação, sob ações que impactam a vida humana e requerem conhecimento, sensibilidade e força de enfrentamento.

MARIA CAROLINA RISSONI ANDERY
MARIA HELENA PEREIRA FRANCO

1. O avesso: os lutos, as mortes e as violências

Maria Carolina Rissoni Andery

A verdade é que você será enlutado para sempre. Você não “superará” a perda de um ente querido; aprenderá a conviver com ela. Você se curará e se reconstruirá em torno da perda sofrida. Você se sentirá inteiro novamente, mas nunca mais será o mesmo.

— Elisabeth Kübler-Ross e David Kessler, *On grief and grieving* (2005, p. 230, tradução nossa)

OS ALTOS ÍNDICES DE mortes por homicídio, feminicídio, latrocínio, violência policial, suicídio e acidentes — e as diversas situações de violência que acontecem no Brasil — deixam grande parte da população em alerta, com medo e insegura. Isso afeta a vida cotidiana das pessoas nos mais diferentes âmbitos: saúde física e mental, sociabilidade, projeção de futuro. Fica cada vez mais difícil processar o luto e manter a esperança e os sonhos.

As perdas e mortes são escancaradas: acontecem nas ruas, no ambiente de trabalho, nas casas, nas instituições. Além disso, estão presentes no noticiário televisivo, nas redes sociais e nas mensagens nos celulares das pessoas, inclusive aquelas afetadas diretamente.

Fenômeno complexo, sócio-histórico, multifacetado e interdisciplinar, a violência está presente nas relações humanas desde a Antiguidade, em momentos de colonização e nos mitos (Mina-
yo, 2010). Embora o senso comum aponte o Brasil como cordial, receptivo e pacífico — por não haver guerra —, os conflitos fundiários e por poder, o alto índice de violência, a corrupção e

as marcas deixadas pela colonização e pelo escravismo refletem as ambiguidades e ambivalências presentes nas relações interpessoais. Trata-se de uma forma de organização social que reproduz um sistema de poder e segregação que privilegia poucos em detrimento de muitos. Chaui (2017, pos. 36) aponta que somos uma sociedade “[...] oligárquica, verticalizada, hierarquizada, autoritária e por isso mesmo violenta”.

Os conflitos de autoridade e as disputas por poder explicitam como a violência opera nas dimensões estrutural e simbólica da vida social. Ao ancorar-se no imaginário coletivo por meio da suspeição generalizada de corpos marcados por determinados fenótipos ou territórios de moradia, a violência encarna no vivido cotidiano. Trata-se de uma engrenagem que perpetua as desigualdades sociais mediante o estigma, o preconceito e a marginalização sistemática de populações vulnerabilizadas — um processo que não apenas produz a violência física e institucional, mas também deslegitima e sufoca a própria dor do luto (Silva, 2024; Andery, 2021).

Dessa forma, falamos de um “fenômeno sócio-histórico que envolve sociedade, comunidade, indivíduos e suas relações” (Andery, 2021, p. 31), sendo uma das manifestações da questão social. Para compreender o termo no âmbito das ciências humanas, a questão social diz respeito às contradições inerentes à ordem capitalista e ao processo de organização da classe trabalhadora, o qual passa a tensionar o Estado por “outros tipos de intervenção mais além da caridade e repressão” (Iamamoto e Carvalho, 2001, p. 77). Assim, tais tensões estruturais refletem diretamente no cotidiano das pessoas afetadas.

Permeando os cotidianos, as rotinas e os mundos presumidos, a violência provoca traumas, insegurança, medo, sensação de alerta, silenciamento, impactos na saúde de todas as pessoas envolvidas na situação, direta e indiretamente, e processos de luto que se expandem no âmbito familiar, comunitário, público, coletivo e político.